

**CARVALHO; Karla de Paula <sup>1</sup>, GONZAGA; Paula Rita Bacellar Gonzaga <sup>2</sup>**

## RESUMO

As mulheres negras vêm se organizando e assumindo a liderança em suas comunidades, como uma forma de subverter as desigualdades, promover o resgate da dignidade negra e possibilitar uma mobilidade coletiva (Carneiro, 2005). Nesse sentido, as reflexões apresentadas neste resumo se desdobram a partir do estágio em docência em Psicologia Social e Comunitária, junto à Coletiva “Mulheres da Quebrada” localizada no Aglomerado da Serra, Belo Horizonte, MG. Objetiva apontar como as ações desenvolvidas pela Coletiva cumprem com a função de políticas públicas, tendo em vista o seu impacto significativo no território e a ausência de efetividade dos equipamentos ali presentes. A coletiva se propõe a ser uma rede de integração sociocultural, construir e ressignificar a identidade da mulher negra por meio da arte, do afeto e do cuidado entre mulheres. Propõe formar redes de apoio, ser suporte mútuo, e debater sobre os atravessamentos de serem mulheres periféricas, por meio de oficinas e intervenções psicossociais. Como aporte teórico-metodológico foi utilizado as ferramentas do feminismo negro que possibilita pensar a sociedade a partir do olhar das mulheres negras. São mulheres que têm produzido interpelações e proposições de novos modos de organização política. O olhar interseccional, visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo heteropatriarcal, que produzem avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, gerando o seu empobrecimento, processos de solidão, silenciamentos e impede sua mobilidade social (Akotirene, 2017). Esse mecanismo necessita também da distorção de sua imagem, para afirmar constantemente e continuamente as mulheres negras em um julgamento moral e higienista. Aponto como a organização e mobilização da coletiva permite que as mulheres não carreguem suas cargas sozinhas, e apresentem resistência às imagens de controle (Collins, 2016). Identificou-se que a participação das mulheres nos encontros, contribuem para construção de redes, agências e estratégias próprias que garantem as suas existências, como a construção de rede de proteção e enfrentamento da violência doméstica e a episódios de racismo cotidiano. Foi possível identificar que as discussões sobre direito e as inquietações a respeito das dificuldades para acessar os dispositivos das políticas públicas, são estratégias para romper com as barreiras que o sistema estrutural do racismo impõe. Os encontros podem ser entendidos como uma ação mobilizadora com potencial emancipatório para as mulheres negras, pois possibilitam emergir discussões de aspectos sociopolíticos, bem como incentivo para a construção de uma identidade política nos movimentos sociais. Incentivar uma participação comunitária para além de um espaço de convivência, mas de sustentação de experiências. Um espaço de elaboração do sofrimento da humilhação social e, por essa razão, espaço que articula transformações psíquicas a formas de atuação política mais conscientes e organizadas (Svartman e Silva, 2016). Conduzir um trabalho em parceria com as comunidades,

<sup>1</sup> Estudante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, psicologakarlarvalho@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, paularitagonzaga@gmail.com

além de ser um compromisso político e social, nos permite ouvir as vozes locais, vozes que foram historicamente deslegitimadas (Spivak, 2003).

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia Social Comunitária, Feminismo Negro, Movimento de Mulheres Negras Periféricas